

PEQUENA FALA SOBRE *LÁPIS MÍNIMO*

Jorge Fernandes da Silveira
(UFRJ / CNPq)

“Se fujo a mim me fujo.”

Armando Silva Carvalho, *O amante japonês*

“Cabe a cada um de nós descobrir quem foi na rodada anterior.”

Bernardo Carvalho, *O sol se põe em São Paulo*

Ana Marques Gastão. *Lápis Mínimo*.
Lisboa: Oceanos, 2008.

Lápis Mínimo, de Ana Marques Gastão, é uma caixa de escrita com 11 voltas a motes alheios: “mínimos eus”, “lapso de escrita”, “melancolia”, “tédio”, “alegria”, “desejo”, “amor”, “imagem”, “mínimas ficções”, “poética do lápis”, “corpo mínimo”.

Sim, glosas, mas não propriamente à maneira antiga, de outrem, fora de si, já que as máximas (as voltas mais altas) giram em torno de um sujeito em “mim” “(...) Não sou na palavra cúmplice da minha verdade, mas outra de mim” (p.12), isto é, do eu feito alheio de si mesmo, em diálogo tenso com um ele e um tu, de já renomada tradição tanto na lírica clássica quanto na modernista e, logo, absolutamente moderna.¹

Num livro de definições e de situações, desde a primeira volta do lápis, “mínimos eus”, uma voz em primeira pessoa compõe um corpo sinestésico “(...) Vejo com os ouvidos, oiço com os olhos, deito-me na voz sussurrante do papel” (p.15), intenso “(...) Amor e Poesia são da ordem do intenso” (p.14), em interlocução com os outros que lhe dão forma, contornam-lhe figuras.² Conturbando-a. Transformando-a. Um ele, autoral e autoritário: “Submeto-me a uma imagem desconhecida. A paixão é um imediato anterior. Escrevo a encenação de uma ignorância.” (p. 67); um tu, que se pergunta “(...) Será possível que eu não

consiga reconstruir-te o rosto?” (p.49), desejado ou desejante: “És um livro lido com os olhos da pele” (p. 49).

É este tu, pelo carácter hipoteticamente alternativo, que parece desdobrar-se como objeto de desejo na linguagem, traçando em linhas (apontamentos, versos, parágrafos, estâncias?) cruzadas muitas das voltas mais intensas deste livro estranho, que põe de novo à prova os limites entre poesia e prosa (leiam-se as “mínimas ficções”), ou entre prosa poética e ensaística, sobretudo nas duas voltas finais, discursos que refletem sobre o sujeito e o objeto [do] poema no livro: “Escrever é uma vitalidade misteriosa, necessidade de um movimento de regresso aonde não se está mas onde nunca deixou de ser.” (p.108-109)

Se, num fragmento de “mínimas ficções”, couber um dos resumos possíveis desta escrita (“Sobes lentamente: aquilo que estremece em mim é a travessia gloriosa de duas singularidades”, “travessia” [p.77]), é nas voltas seis, “desejo”, e sete, “amor”, que se definem os contornos mais desconcertantes (no sentido camoniano) da grafia do corpo amante segundo Ana Marques Gastão: “Quebrou-se a palavra amor, vocábulo dissonante.” (p. 63); “(...) Amar é andar desordenado, nu.” [p. 64]³

À primeira vista, porque traços pessoais parecem rumorejar entre palavras, e, pela atenção aguçada pela intimidade, falo da impressão de um modo mais desabusadamente ambíguo de, no intercurso com o outro, falar de si (“Quando já não espero mais, cais dentro de mim. É quando sou só dentro.” (p.50), convocando para empresa tamanha imagens e figuras em que “[o] desejo torna um nome mítico.” (p. 51), Camões, por exemplo, “que, como um acidente em seu sujeito”,⁴ talvez, em diálogo com Penélope: “A falta é o acidente do desejo. Dele faço um tear. As minhas mãos, as mãos, arcaicas mãos, vão morrer sabendo que estão morrendo.” (p. 53).

Pelas mãos possuídas, quer dizer, de posse dessa sabedoria, arcaica, feminina, a poesia da autora de *Nós/Nudos* afina o *Lápis Mínimo* e, à medida que o inscreve entre as páginas mais contemporâneas do modernismo português, reescreve o manual de usos em ura (literatura, cultura, entre outros), em que se enlaçam: um movimento anti-régio, um poema contra o silêncio⁵ (“Cada acto deve ser completo, necessário, inevitável. Pratiquei-os contra o teu silêncio silêncio silêncio silêncio” [p.54]); em vez da sedução (ética) pelo grito,⁶ a educação (estética) pelo grifo, ou melhor, a escrita pela leitura disciplinada na ponta do lápis, o *adiamento*⁷ [“Adio a tragédia (...)”, “Paro, recomeço,

paro, recomeço – o objecto do meu pensar está demasiado próximo do desejo. (...)", p.55], na repetição, a consciência da perda, uma das mais insólitas "ficções mínimas", "verso": "(...) O desejo não mais suporta o verso, perdeu a mão." (p. 84). Por meio desta extraordinária imagem de (des)equilíbrio, em que o limite da força se confunde com o seu fim, em suma: um texto mundano, secular, humano: "Seduzir é tornar-se objecto fascinante. Seduzir é afirmar: sou o que digo." (p. 54)⁸

Quem assim se diz, às voltas de uma noção tão justa da lógica da composição – note-se, intensificada pelo definido, a precisa interlocução em progresso entre o começo, "mínimos eus" ("Quando comecei a escrever, esquadrinhando os meus pensamentos, pensei: é culpa, é culpa o que sinto. Por isso escrevo baixo, mínimo lápis." [p. 11], e o fim, "mínimas ficções", "fuga" ("É culpa, é culpa o que sinto, mínimo o lápis." [grifo meu, p.105]), das breves composições poéticas – tem de si uma impressionante expectativa, maravilhosa mesmo, ciclópica, rematando de forma fabulosa, em suma, a moralidade mínima (a "culpa") desses poemas:

nuca

Levanto-me, as pernas vergam-se, escorregadias; sento-me, pescoço distendido em onda. Tombo de joelhos no ruído da madeira, espero a boca acoçada mordendo a minha nuca. (p. 86)⁹

NOTAS

¹ Cf. Sá de Miranda, "Comigo me desavim"; Sá-Carneiro, "7" ("Eu não sou eu nem sou o outro"); O'Neill, "Sá de Miranda Carneiro".

² Cf. Garrett: "Este inferno de amar", "Não te amo", "Os cinco sentidos".

³ Cf. Camões, "É tudo quanto sinto um desconcerto" ("Tanto de meu estado me acho incerto").

⁴ Cf. "Transforma-se o amador na cousa amada".

⁵ Cf. José Régio, "Poema do silêncio".

⁶ Reler, de preferência em voz alta, um, dito, poema neo-realista exemplar.

⁷ Cf. “Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...” (Álvaro de Campos, “Adiamento”).

⁸ Cf. Baudrillard: *Il y a quelque chose de plus forte que la passion: l'illusion. Plus forte que le sexe ou le bonheur: la passion de l'illusion. Séduire, toujours séduire.*

⁹ Cf. “Mais tarde contei tudo isto aos meus amigos mas eles disseram isso não pode ser.” (Ana Hatherly, *Tisanas*).